



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

CAROLINE HEIL MAFRA

**A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA OS ANOS INICIAIS
NA VIDA DE UMA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA (TEA) EM UMA ESCOLA PRIVADA**

Florianópolis

2016

Caroline Heil Mafra

**A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA OS ANOS INICIAIS
NA VIDA DE UMA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA (TEA) EM UMA ESCOLA PRIVADA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Sylvia Cardoso Carneiro

Florianópolis

2016

Caroline Heil Mafra

**A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA OS ANOS INICIAIS
NA VIDA DE UMA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA (TEA) EM UMA ESCOLA PRIVADA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado e adequado para a obtenção do título de “Licenciado em Pedagogia” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 10 de agosto de 2016.

Profa. Dra. Diana Carvalho de Carvalho e Prof. Dr. Jéferson Silveira Dantas
Coordenadores do Curso de Pedagogia

Banca Examinadora:

Profa. Dra Maria Sylvia Cardoso Carneiro - Orientadora
(EED/CED/UFSC)

Profa. Me. Adriana da Costa - Examinadora
(Colégio de Aplicação)

Profa. Dra. Ana Carolina Christofari - Examinadora
(EED/CED/UFSC)

Profa. Dra. Maria Helena Michels - Suplente
(EED/CED/UFSC)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso fosse possível, e que ao longo de toda a minha vida, me iluminou com a luz do seu divino Espírito Santo. E não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

Em segundo lugar quero agradecer os meus pais que me deram a vida e me ensinaram o caminho dos estudos. Não pouparam esforços para que eu tivesse oportunidade de estudar. E sempre ao meu lado estavam para me compreender em toda a minha formação.

A minha orientadora Prof. Maria Sylvia Cardoso Carneiro pelo empenho dedicado à construção desse trabalho de conclusão de curso, que acreditou em meu trabalho, que ouviu pacientemente as minhas considerações partilhando comigo as suas idéias, conhecimento e experiências, no qual, sempre me animou. Quero expressar o meu reconhecimento e admiração pela sua competência profissional e minha gratidão pela forma humana que conduziu as orientações.

Pelas professoras do João, por dar a oportunidade de explorar o contexto educacional no que se refere à inclusão de uma criança com TEA em uma escola privada nos dias de hoje. A professora de Educação Infantil, professora do primeiro ano e professora de educação física, que aceitaram fazer as entrevistas, dando total liberdade, apoio e disposição para a realização desta pesquisa.

Pela mãe do João e por João, que fizeram parte desse trabalho de conclusão de curso, que abraçaram e se doaram nas entrevistas. Pelas amizades que construímos, pelos gestos de carinho, amor e satisfação em fazer parte desta pesquisa.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da construção deste trabalho de conclusão de curso, o meu agradecimento.

Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso. Amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade.

(Paulo Freire)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo compreender o processo de transição da Educação Infantil para os Anos Iniciais na vida de uma criança com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma escola privada da Grande Florianópolis. A metodologia da investigação seguiu uma abordagem qualitativa por meio de um estudo de caso. A coleta de dados foi por meio de entrevistas com a mãe da criança, com a própria criança e com três professoras da escola que frequenta. O trabalho apresenta uma pesquisa bibliográfica com uma contextualização da história do autismo, bem como características do TEA e sobre a inclusão escolar de crianças com esse diagnóstico. Utilizei como principais bases teóricas na contextualização histórica e nas características do TEA os autores: Leo Kanner, (1943); Hans Asperger, (1944); Laplane, (2014); Cunha, Filho, (2010). Utilizei como principais bases teóricas para a discussão sobre a inclusão de crianças com TEA no ambiente escolar os autores: Kubaski, Pozzobon, Rodrigues, (2015); Cunha, Filho, (2010); Chiote, (2012). Na sequência é apresentado o estudo de caso sobre inclusão de uma criança com TEA no ambiente escolar. Defini sete aspectos para apresentar os dados coletados: A entrada de João na escola: a Educação Infantil; Aspectos apontados como facilitadores para a inclusão escolar de João; Aspectos apontados como dificuldades para a inclusão escolar de João; Avanços no desenvolvimento de João na escola; Interações com os colegas; Interações com os adultos e Ingresso do João no primeiro ano. Por fim, são feitas algumas considerações sobre a inclusão escolar dessa criança. Percebi que no processo de inclusão escolar dessa criança, tanto na Educação Infantil quanto no primeiro ano foi positiva, sendo assim, a transição não foi uma dificuldade encontrada pela professora, nem pela família e nem pelo próprio sujeito da pesquisa. Nesse estudo encontrei, até o momento, uma perspectiva positiva em todo processo de inclusão escolar de João. Uma expectativa identificada é quanto à interação do João referente à mediação da professora no futuro. Hoje uma estratégia pedagógica é utilizada para facilitar sua inclusão escolar é a mediação. Todas as crianças quando entram no ensino fundamental precisam de mediações, de estratégias que possam contribuir com o desenvolvimento da dimensão estética, da criatividade, da imaginação, da fruição. Essas dimensões não são inatas, ao contrário, elas são constituídas culturalmente, nas relações que os sujeitos estabelecem com outros sujeitos. Referente à transição da Educação Infantil para os Anos Iniciais previsto como objetivo da pesquisa considerou-se realizada até o momento com sucesso.

Palavras chaves: Inclusão escolar. Transtorno do Espectro Autista. Educação Infantil. Anos Iniciais. Educação Especial.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1 OBJETIVO GERAL	9
1.2 OBJETIVO ESPECÍFICOS.....	9
1.3 METODOLOGIA.....	10
1.4 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.....	12
2. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO AUTISMO.....	13
2.1 CARACTERÍSTICAS DE CRIANÇAS COM TEA.....	16
3. INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM TEA.....	19
4. ESTUDO DE CASO: A INCLUSÃO DE UMA CRIANÇA COM TEA NO AMBIENTE ESCOLAR.	27
5. CONSIDERAÇÕES SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR DE JOÃO.....	38
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICE A	46
APÊNDICE B.....	47
APÊNDICE C	48
APÊNDICE D	49
APÊNDICE E.....	50

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como objetivo analisar o processo de transição da Educação Infantil para os Anos Iniciais do ensino fundamental, na vida de uma criança com diagnóstico de Transtornos do Espectro do Autista (TEA), em uma escola privada da Grande Florianópolis. Para tanto utilizei a entrevista como um dos procedimentos de pesquisa para coletar dados referentes ao processo de inclusão desse aluno com TEA, tanto na Educação Infantil quanto no primeiro ano do ensino fundamental e como se deu a transição da Educação Infantil para o primeiro ano.

Feito uma pesquisa bibliográfica, e de acordo com a metodologia prevista, foram realizadas na sequência entrevistas com a professora da Educação Infantil da criança em questão, como também a professora do primeiro ano e a professora de educação física, entrevistei a mãe da criança e a própria criança participou da coleta de dados. Depois de realizar e transcrever todas as entrevistas, para analisar os dados coletados defini alguns aspectos mais significativos para a discussão sobre o processo de inclusão escolar de João,¹ aluno com TEA que frequenta o primeiro ano em uma escola privada.

É um desafio grande fazer uma pesquisa acerca da inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista, porém considero esse tema relevante porque o aumento de matrículas de alunos com esse diagnóstico no ensino regular é bastante significativo. O diagnóstico de TEA tem uma incidência muito frequente na escola em que atuo e percebo uma dificuldade das professoras quando se refere à escolarização das crianças com esse diagnóstico. Essa dificuldade seria decorrente da falta do conhecimento dos professores?

É importante mencionar qual o público alvo da educação especial segundo o Decreto Nº 7.611 de 2011, definido no § 1º no art.1º “Para fins deste Decreto, considera-se público-alvo da educação especial as pessoas com deficiência, com transtornos globais do desenvolvimento² e com altas habilidades ou superdotação.”

Conforme Lazzeri, 2010 apud Kubaski, 2015 os estudos feitos mostram que só a matrícula e a presença das crianças com TEA no ensino regular não garantem qualidade na inclusão. É preciso que as crianças participem com seus pares das atividades propostas e estejam presentes com seus colegas na rotina escolar, participando de todos os momentos. Esse aspecto é fundamental! O Acesso é indiscutível, no entanto ele não garante a inclusão.

¹ João é o nome fictício dado ao sujeito desta pesquisa.

² O termo Transtornos Globais do desenvolvimento, passa a ser chamado de Transtorno do Espectro Autista.

Segundo Praça (2011) um primeiro aspecto favorável para realizar a inclusão, é possibilitar ao aluno da educação especial uma inserção social, para que por meio da educação inclusiva esse aluno possa ser incluído no meio social. No entanto a sociedade ainda precisa superar muitos preconceitos com as pessoas com deficiência. Dessa forma a escola como instituição social precisa ajudar as crianças com deficiência a conviverem e participarem do ambiente escolar com os seus pares.

Como afirma Jerusalinsky (1997 apud Praça, 2011, p.53) “alguém que frequenta a escola sente-se mais reconhecido socialmente do que quem não a frequenta. As crianças passam a ter um lugar social como aluno de uma escola.”

No entanto, de modo geral, a escola precisa tratar de questões como as diferenças de seus alunos. Se tiver ou não uma deficiência todos têm suas diferenças e precisam ser respeitadas. É preciso que as crianças aprendam a conviver bem com as diferenças.

Fazendo essa pesquisa percebi que a inclusão escolar é um processo que deve ser avaliado a todo o momento. Não se pode afirmar que há um modelo único a ser seguido, não existe padronização. Cada criança com TEA deve ser observada nas suas particularidades e todos os responsáveis pela educação dessa criança devem proporcionar a sua inclusão escolar.

Decidi pesquisar sobre a transição da Educação Infantil para os Anos Iniciais, na vida de uma criança com TEA, devido à experiência de sala de aula como professora auxiliar de um aluno da pré escola com esse diagnóstico.

Como professora auxiliar minha preocupação era grande quando ele chegasse ao primeiro ano, já que nessa etapa iria ampliar a quantidade de conteúdos acadêmicos e diminuir o tempo para brincadeiras e atividades mais livres. Ele demonstrava um prazer muito grande em brincar, se fosse possível ele brincaria a todo tempo com os colegas, fosse no parque ou na sala. Outra preocupação era ele se adaptar bem a essa nova fase da sua vida, com uma nova professora e uma rotina diferente daquela á qual ele já estava acostumado.

Esta preocupação me levou a fazer um estudo de caso de uma criança com essas características. Eu compreendia que para um aluno com desenvolvimento típico poderia ser difícil esse processo de transição da Educação Infantil para o primeiro ano, acreditava também que para crianças com TEA, devido às dificuldades com mudanças, seria ainda mais desafiador.

Sempre observei o cuidado que a turma tinha em incluir essa criança em suas brincadeiras e interações, algumas regras por vezes precisavam ser mudadas, ou essa criança

com TEA precisava dar conta de respeitar certas regras, era uma vitória quando ela conseguia compreender que precisava obedecer a regra do jogo que estavam jogando.

Em meio a brincadeiras, jogos e aprendizado dinâmico da Educação Infantil eu compreendia que a grande maioria das vezes essa criança dava conta de estar com seus amigos, era possível uma comunicação verbal e não verbal e tinha uma boa interação social com o meio. O questionamento que me ocorria a todo instante era, como essa criança iria interagir nos Anos Iniciais. Passei a me perguntar sobre como poderia ajudar naquela situação. Como escrevem Santos, Santos (2012, p.369):

Num domínio em que faltam respostas e sobram incertezas, as professoras que trabalham com crianças ditas autistas contam com o saber prático, testando possibilidades através do ensaio e erro. Nesse contexto elas também sentem que são os alunos que as ensinam, indicando o que funciona e o que não dá certo na situação pedagógica.

A partir daí pensei em aprofundar o conhecimento sobre as interações sociais de crianças com autismo nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Uma realidade cada vez mais presente em nossas redes de ensino é a escolarização de crianças com TEA.

Vendo que essa transição da Educação Infantil para os Anos Iniciais já era uma dificuldade vivida por muitas crianças, decidi pesquisar como se deu essa transição na vida de uma criança com diagnóstico TEA.

Com a compreensão de que faltam respostas e sobram incertezas, decidi pesquisar para encontrar possíveis respostas e conhecimentos que possa de um modo geral ajudar, sabendo que cada caso tem suas particularidades.

1.1 OBJETIVO GERAL

Compreender o processo de transição da Educação Infantil para os Anos Iniciais na vida de uma criança com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista.

1.2 OBJETIVO ESPECÍFICOS

- 1) Compreender as características da criança com TEA;
- 2) Identificar aspectos relevantes no processo de inclusão das crianças com TEA no ambiente escolar;
- 3) Analisar sobre a inclusão escolar e a transição da Educação Infantil para os Anos Iniciais de uma criança com TEA.

1.3 METODOLOGIA

A investigação foi realizada em uma abordagem qualitativa por meio de um estudo de caso. Início fazendo algumas considerações sobre a pesquisa qualitativa.

A pesquisa qualitativa propõe um contato direto com o ambiente ou situação que está sendo pesquisado e normalmente é por um tempo prolongado. Segundo Bogdan e Biklen (1982) *apud* Ludke e André (1986) essa pesquisa também pode ser chamada de naturalística por indicar como principal fonte de dados o ambiente natural da investigação e o pesquisador como principal instrumento.

Desta forma, a compreensão do pesquisador está em analisar as circunstâncias particulares em que um determinado objeto esteja inserido.

Os dados coletados são por meio de materiais ricos em descrição de pessoas, situações, acontecimentos, inclui transcrições de entrevista e depoimento, fotografia, desenhos e extratos de vários tipos de documentos. É comum a utilização de citações para explicar um ponto de vista ou para dar ênfase a uma afirmação.

A principal preocupação do pesquisador que escolhe a pesquisa qualitativa é investigar o determinado problema nas suas interações cotidianas, como se relaciona nas atividades e nos procedimentos, ou seja, seu cuidado estará mais voltado para o processo do que para o produto.

Quando se fala de análise de dados, na pesquisa qualitativa, podemos comparar a um funil, a princípio o pesquisador tem questões e focos amplos, que ao longo da pesquisa será mais bem desenvolvido. As constatações aparecem e se firmam, mediante a coleta de dados, como num processo de baixo para cima, e no fim, o pesquisador terá questões mais específicas e diretas.

Lüdke e André (1986) afirmam que a pesquisa etnográfica e o estudo de caso são duas formas de pesquisa qualitativa muito utilizadas na área de educação, principalmente por seu potencial para estudar questões relacionadas à escola.

O estudo de caso proporciona a possibilidade da descoberta, no início se monta uma estrutura básica. A partir daí podem aparecer durante a pesquisa novos aspectos, novos elementos e dimensões que poderão ser somadas durante o avanço da pesquisa.

Essa característica se fundamenta no pressuposto de que o conhecimento não é algo acabado, mas uma construção que se faz e refaz constantemente. Assim sendo, o pesquisador estará sempre buscando novas respostas e novas indagações no desenvolvimento do seu trabalho (ANDRÉ, LUDKE, 1986, p.18).

Dentre as características do estudo de caso segundo Goode e Hatt (1986) *apud* Ludke e André (1986) destaco as seguintes:

- O estudo de caso parte de alguns pressupostos teóricos e se monta uma estrutura inicial. Ao longo da pesquisa poderá se identificar novos elementos, à medida que a pesquisa avance;
- Compreender o contexto em que está inserida a pessoa que está sendo investigada. É preciso conhecer suas ações, seus comportamentos, suas relações com as pessoas e de modo geral analisar todo o contexto da pesquisa;
- O estudo de caso procura retratar a realidade de forma profunda e completa. O investigador precisa revelar as várias dimensões presentes em uma determinada situação ou problema;
- O estudo de caso tem várias formas de coletar informações. Um exemplo disso é uma pesquisa em uma escola. O pesquisador vai observar as reuniões, as salas de aula, a merenda, a entrada e saída das crianças. Irá também ouvir professores, alunos, pais e serventes. Terá variedade de informações para confirmar hipóteses ou rejeitar.
- Em um estudo de caso é possível uma generalização naturalística, o pesquisador pode escrever acerca de uma experiência pessoal, relatando uma prática utilizada por ele que deu bons resultados, e que pode se tornar uma prática utilizada por outra pessoa, adaptada a sua realidade, confirmando os bons resultados.
- O estudo de caso tem uma linguagem mais fácil e acessível do que outras pesquisas. Procura apresentar os diferentes e intrigantes pontos de vista no momento atual.

A coleta de dados para fornecer informações para o pesquisador pode ser feita por meio de observação, entrevista e análise de dados. A entrevista é um instrumento eficaz na hora de coletar dados. É preciso respeitar aquele que será entrevistado, não influenciando na hora de sua resposta. Por exemplo, o entrevistador não deve fazer uma pergunta ao entrevistado que o induza a uma resposta esperada pelo pesquisador. Para a pesquisa em educação a entrevista é um forte instrumento utilizado.

André e Ludke (1986) apontam alguns aspectos favoráveis à utilização de entrevistas como procedimento de coleta de dados. A seguir destaco alguns deles.

O primeiro benefício da entrevista como método de coleta de dados é a possibilidade de interação que o pesquisador tem com o pesquisado, e a oportunidade que ele tem de conversar com o entrevistado.

Uma entrevista bem elaborada pode proporcionar uma abertura mais íntima, pessoal e profunda do entrevistado, sendo muito relevante para a pesquisa.

A entrevista tem um diálogo do pesquisador com o pesquisado, e permite correções, esclarecimentos e adaptações. O que torna a entrevista eficaz. Por exemplo, se o entrevistado não entendeu certa pergunta, ele pode pedir para que o entrevistador explique a questão novamente, respondendo com mais clareza aquilo que foi perguntado. Em outro método não se tem essa clareza.

André e Lüdke apontam que é importante que a entrevista seja feita com uma estrutura inicial, um roteiro adaptado. Mas que possibilite ao entrevistador uma flexibilidade em torno do diálogo feito com o entrevistado.

A escolha do instrumento entrevista é muito eficaz para a pesquisa qualitativa, por meio de um estudo de caso. Contudo o pesquisador precisa estar bem preparado para começar a atuar, entendendo que esse é um procedimento de coleta de dados que exige bastante tempo e trabalho do pesquisador. Quanto mais conhecer seu objeto de estudo e quem será o entrevistado, melhor será seu desempenho.

1.4 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está organizado da seguinte forma:

- 1º capítulo: A introdução
- 2º capítulo: Um breve relato da contextualização histórica do autismo e as características do TEA a partir de pesquisa bibliográfica.
- 3º capítulo: A inclusão escolar de crianças com diagnóstico de TEA.
- 4º capítulo: Estudo de caso - A inclusão de uma criança com TEA no ambiente escolar.
- 5º capítulo: Considerações sobre a inclusão escolar de João.
- 6º capítulo: Considerações finais.

2. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO AUTISMO

Nesse capítulo será abordada brevemente uma contextualização histórica do Autismo.

Os primeiros relatos sobre autismo vieram de Leo Kanner (1943), médico austríaco radicado nos Estados Unidos da América e Hans Asperger (1944), médico vienense. Acompanhavam alguns casos e forneciam alguns relatos e suposições teóricas dessa síndrome que até então era desconhecida.

Kanner (1943) observou 11 crianças que estiveram em seu consultório. Com base em seus estudos e observações o que chamou atenção dele foi a dificuldade dessas crianças em se relacionar normalmente com as pessoas e situações.

A primeira constatação de Kanner (1943) foi que algumas dessas crianças tinham a incapacidade de ter uma relação de maneira normal com outras pessoas desde os primeiros anos de vida. Outra característica analisada foi o atraso da fala na maioria das crianças. A linguagem não era utilizada como recurso para se comunicar, havia uma não-comunicação nesses casos. E a fala, quando utilizada era para nomear objetos, alfabeto, canções, nomes de animais e pessoas importantes, frases prontas, poemas e frases decoradas e repetidas várias vezes.

Kanner não notou dificuldade com a memória, as crianças eram muito inteligentes, sem nenhum comprometimento em seu desenvolvimento cognitivo. E não se encontrava nenhuma dificuldade em suas estruturas físicas, na maioria dos casos.

Tinham habilidade na motricidade fina, exemplo disso era a habilidade que tinham em girar objetos circulares. A necessidade de se manter uma rotina levava a uma limitação em atividades espontâneas e para Kanner (1943) essa era a característica chave do autismo.

Outra característica importante é que essas crianças não gostavam de serem perturbadas, qualquer alteração no meio externo ou interno assustava, tinham medo e fortes reações a ruídos, movimentos de objetos e repetições nas atividades. Apresentavam dificuldades com mudanças, gerando até medo na introdução de novos alimentos.

Segundo Kanner (1943) *apud* Baptista e Bosa (2002), para algumas crianças com autismo, quando existe mudança em algo, nem que seja um detalhe, a criança não aceita. Outro exemplo de característica de crianças com TEA é a facilidade e certa obsessão por números e gostam muito de fazer contas. Podem adaptar essa aptidão com números à realidade em que está inserida.

Kanner (1943) observou as famílias das crianças, normalmente os pais tinham um alto grau de inteligência e nível sociocultural, porém certas dificuldades nas relações, não só na

relação entre os casais, como relação de pais e filhos. A questão era saber até que ponto esses aspectos dos pais poderiam influenciar na criança autista. Claro que ele não colocava em questão apenas as relações dos pais das crianças com este diagnóstico. Para Kanner o que fica mais forte nas características do autismo é a incapacidade de manter relações habituais previstas para a faixa etária em que a pessoa se encontra.

Hans Asperger (1944) descreveu os casos de crianças atendidas na Clínica Pediátrica Universitária de Viena. Publicou algumas matérias sobre o autismo. Descreveu algumas características que Kanner não havia mencionado. Asperger destacou a dificuldade que algumas crianças têm em fixar o olhar durante as situações sociais, como também o olhar periférico e breve.³

No que se refere à presença da fala, observou uma variedade de vocabulário, sem problemas de ordem gramatical, mas seria monótona. Chamou atenção para os gestos sem significados.

Tanto Kanner como Asperger, notaram que era preciso chamar atenção para a qualidade do comportamento social dessas crianças. Não era apenas uma timidez, um isolamento físico, ou até mesmo a rejeição do contato com as pessoas. A questão seria a dificuldade no contato afetivo espontâneo e recíproco. Quanto aos casos estudados por Kanner nenhum deles era idêntico. A citação abaixo deixa isso claro: “As 11 crianças (8 meninos e 3 meninas), cujas histórias foram rapidamente apresentadas, oferecem, como era de se esperar, diferenças individuais nos graus de seus distúrbios, nas manifestações familiares e em sua evolução ao longo dos anos” (Kanner, 1943, *apud* BAPTISTA, BOSA, 2002, p.26).

Nos anos de 1960 as descrições de Kanner começaram a ser difundidas para outros profissionais. Ao longo do tempo se observava que cada vez mais havia crianças que apresentavam características similares às aquelas verificadas por Kanner, mas que não correspondiam pontualmente as suas publicações.

No final dos anos 60 surge um novo termo para condições de desenvolvimento que seria Transtorno Global do Desenvolvimento. M. Rutter e D. Cohen no final dos anos 60 identificaram que as pessoas com autismo apresentavam um transtorno de desenvolvimento.

É importante ressaltar que nos Transtornos Globais do Desenvolvimento, além do autismo estavam incluídos também a Síndrome de Rett; Transtorno ou Síndrome de Asperger;

³ O chamado “olhar breve” refere-se a não fixa do olhar pela criança. O olhar periférico, diz respeito a aquele que não focaliza o sujeito com o qual está interagindo.

Transtorno Desintegrativo da Infância; Transtorno Global do Desenvolvimento sem outra especificação.

São características principais do autismo, segundo Cunha e Filho (2010):

- Dificuldade no desenvolvimento social, da interação e da comunicação;
- Pode haver dificuldades no desenvolvimento da linguagem;
- Quando há o desenvolvimento da linguagem, esta é repetitiva, não é autêntica ou pode ser uma linguagem própria do comportamento;
- Interesse por rotinas;
- Repertório limitado de atividades e interesses;
- Sua manifestação acontece antes dos 3 anos de idade e
- As reações podem ser muito diversas a depender do desenvolvimento e da idade.

Em 1979, a psiquiatra inglesa Lorna Wing, que também era mãe de uma criança com autismo, juntamente com Judith Gold propuseram o conceito do autismo como um espectro, referindo-se às crianças que possuem uma restrição em sua conduta, dificuldade na reciprocidade social e no desenvolvimento da comunicação. São crianças que apresentam características de autismo e precisam de atenção. Portanto com essa nova compreensão uma grande quantidade de crianças poderia receber ajuda. Wing e Gold foram às figuras mais importantes nesse momento nos estudos referente ao autismo.

Na década de 70 foi fundada por Lorna Wing e Judith Gold a National Autistic Society , uma associação formada por familiares e profissionais das áreas do autismo, e as discussões acerca do assunto cresceram. Devido a uma alta incidência começaram as investigações sobre a relação do autismo com outros transtornos do desenvolvimento. Principalmente quanto a da deficiência mental, problemas com linguagem e comunicação.

A mais nova nomenclatura proposta pela APA (American Psychiatric Association) para o autismo, é Transtorno do Espectro Autista e está disponível no DSM-5 (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders)⁴ . Os quatro transtornos anteriormente incluídos no termo TGD se assemelham entre si, mudando apenas o nível de severidade, os traços são compartilhados. Nesse caso a proposta é unificar os transtornos em uma única classificação.

⁴ O DSM-5, quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), criado em 1952 pela Associação Americana de Psiquiatria, foi publicado em maio de 2013 nos Estados Unidos e sua versão em português em 2014 no Brasil. Trata-se de um manual para definição de doenças psíquicas, referência para a prática clínica, e segundo seus autores, contém informações úteis para todos os profissionais ligados à saúde mental.

2.1 CARACTERÍSTICAS DE CRIANÇAS COM TEA

O termo Espectro é utilizado para identificar uma variedade de manifestações. Por exemplo, pode ocorrer desde uma criança que tenha a dificuldade inicial de interação na relação com o outro, até aquela criança que tem aversão ao contato com outras pessoas. Outro extremo é a criança que resiste, mas muda de brincadeira ou a atividade, até aquela criança que não vai aceitar a mudança.

Como afirma Shenk, 2012 apud Kubaski, 2015, p.2:

É importante salientar que o diagnóstico de TEA não prediz as dificuldades que a pessoa enfrentará ao longo da vida, tampouco define um prognóstico, e nem mesmo fornece aos profissionais muitas informações sobre o potencial dessa criança.

Segundo Laplane, (2014), APA propõe quatro critérios que são indispensáveis para o diagnóstico de uma criança com TEA, são eles:

a) Dificuldades na comunicação e na interação social

a.1) Essas dificuldades podem ser: permanecer em uma conversa por muito tempo; compartilhar afetos, respostas e emoções; uma interação social imprópria e até uma total falta de interesse na interação social.

a.2) Uma dificuldade de integração da comunicação não verbal com a comunicação verbal. Dificuldade no contato visual e com a linguagem corporal.

a.3) Dentro do espectro encontramos: dificuldade em afinar o comportamento em diferentes contextos sociais, dificuldades em compartilhar brincadeiras de imaginação, dificuldades de fazer amigos e até um extremo desinteresse em pessoas.

b) Padrões repetitivos e restritos de comportamento.

b.1) Repetição de frases fora do contexto; movimento repetitivo ou estereotipado; super foco em algum objeto ou situação específica.

b.2) É extremamente necessário a rotina; resistência a mudanças; perguntas repetitivas; muita agitação por causa de pequenas mudanças; insistência por determinado alimento.

b.3) Apego excessivo por objetos pouco usual e interesses fixos.

b.4) Deslumbramento por luzes e objetos que gira; quase nenhum interesse em pontos sensoriais do ambiente; não respondem bem a sons e texturas específicas.

c) Os sinais estarão presentes desde a infância, no entanto as manifestações ocorrem com o contato da criança nas demandas sociais.

d) Os sintomas dificultam um pouco a pessoa com TEA no seu dia a dia.

Diante da variedade de casos contemplados no TEA, como já mencionado acima, a dificuldade na comunicação é uma característica muito importante a ser destacada. Na sequência serão abordadas algumas dificuldades referentes a comunicação da criança com TEA.

A partir de estudos feitos por Rivière, 1997 *apud* Cunha, Filho, 2010, p.32 e 33, temos como possíveis alterações das funções comunicativas:

- Ausência de comunicação;
- Realização de atividades de pedir com uso instrumental de pessoas e não de signos. Ex.: Pede levando a mão de outra pessoa ao objeto desejado, mas não usa gestos ou palavras para expressar seus desejos;
- Realização de atividades de pedir através de palavras, símbolos ou gestos aprendidos em programas de comunicação, para obter mudanças no mundo físico.
- Ausência de comunicação com função ostensiva ou declarativa;
- Há escassez de declarações capazes de qualificar subjetivamente a experiência auto-referida, e a comunicação tende a ser pouco recíproca e pouco empática.

No campo da linguagem receptiva:

- Ignora a linguagem, não responde a ordens, chamadas ou indicações linguísticas dirigidas a ela. Em algum momento do desenvolvimento, provoca a falsa suspeita de surdez;
- Associa os enunciados verbais às condutas próprias, compreende ordens simples, associando sons a contingências ambientais ou comportamentais. Não implica a assimilação dos enunciados a um código ou a interpretação deles a um sistema semântico-conceitual;
- Compreende os enunciados, analisando-os ao menos parcialmente. A compreensão é literal e pouco flexível. Os processos de inferência, coerência e coesão da compreensão do discurso são muito limitados. Tendência a atender às interações verbais, quando dirigidas a ela própria, de forma muito específica e diretiva;
- Compreende planos discursivos da linguagem, embora haja alterações sutis no processo de diferenciação entre o significado intencional e o literal e de apreensão de variáveis interativas e contextuais.

Do ponto de vista da linguagem expressiva:

- O mutismo pode ser total ou funcional. Mutismo funcional é a presença de verbalizações que não têm a função de comunicar;

- Linguagem predominantemente ecológica, sem criação formal de sintagmas ou orações;
- Linguagem oracional, não predominantemente ecológica, que implica algum conhecimento de regras linguísticas. Não chega a configurar um discurso ou atividade de conversação. Pode haver muitas emissões irrelevantes;
- Linguagem discursiva. As pessoas neste nível podem ter consciência de sua dificuldade para encontrar temas de conversação e para transmitir informação significativa. Podem começar e terminar conversações de forma abrupta e dizer coisas pouco apropriadas ou relevantes socialmente.

Essa compreensão é fundamental para identificar as múltiplas formas de comunicações das crianças com esse diagnóstico, principalmente para os professores em sala de aula, permitindo compreender as necessidades de comunicação dos seus alunos com TEA.

Através do auxílio do profissional da educação a criança, com ausência ou parcial ausência da fala, pode receber no ambiente escolar os recursos necessários para o desenvolvimento de sua comunicação verbal. A comunicação verbal é importante para a função cognitiva que está ligada ao desenvolvimento da experiência afetiva e social da criança com diagnóstico de TEA.

O Transtorno Espectro Autista tem como característica um comprometimento com a comunicação da criança e outros comportamentos que podem limitar ou prejudicar o seu desenvolvimento. No entanto não se sabe ao certo quais dificuldades a pessoa com Autismo vai encontrar ao longo de sua vida.

É importante destacar que as características habituais da pessoa com TEA estão ligadas ao desenvolvimento da interação social não habitual e comunicação atípica. Antes mesmo dos três anos de idade já se percebe alguns comprometimentos dessas crianças em suas interações e comunicação. Desse modo, observa-se uma preocupação dos pais desde muito cedo com a dificuldade qualitativa dessas crianças de se relacionar e se comunicar de maneira usual com as pessoas.

Quanto ao fato de às crianças autistas terem uma inteligência superior, Camargo e Bosa (2009), relatam que uma pequena parcela de crianças tem o desenvolvimento cognitivo elevado. Os que têm o desenvolvimento cognitivo mais baixo normalmente são mudos e isolados. Em outra situação a criança pode aceitar a interação, mas dificilmente a procura. A criança com o desenvolvimento cognitivo alto pode procurar interagir, mas será de maneira diferenciada. É possível constatar que há uma variedade de características desse Transtorno, normalmente cada caso vem relatado com características similares, mas não iguais.

3. INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM TEA

No momento em que as crianças com TEA chegam ao meio escolar, por vezes podem ter atitudes não habituais, devido a ser um ambiente com bastante ruído, e em alguns casos isso pode ser perturbador para a criança com esse diagnóstico.

Muitas crianças com desenvolvimento típico apresentam dificuldades no processo de adaptação à escola. Para as crianças com este diagnóstico torna ainda mais difícil, devido suas particularidades de interação, comunicação e sua fragilidade com as emoções e relações. Por isso, é preciso criar algumas estratégias voltadas para a adaptação nesse primeiro momento.

Segundo Giaconi, Rodrigues (2014, p. 697)

O evento da escolarização e as sucessivas passagens de ambiente são projetadas como ações educativas fundamentais, como formas de criar modalidades adaptativas para cada aspecto, dos físicos, às pessoas e às atividades, e torná-los acessíveis a autonomia e a orientações que, de outra forma, resultariam em obstáculos à adaptação e à participação.

Para uma pessoa com desenvolvimento típico estas situações podem ser fáceis, mas para as crianças com TEA pode ser difícil. É preciso a mediação do docente sobre contexto para evitar momentos de incompreensão e desorientação. Proporcionando o trabalho educativo e a adaptação das crianças com TEA.

Giaconi, Rodrigues, 2014 propõem que antes de iniciar as aulas é preciso que a criança com TEA tenha experiência e conhecimento do ambiente, pessoas e atividades. Para que seja presente na escola um ambiente, materiais e atividades que a criança entenda por si só e possibilitem uma compressão facilitada. As autoras citam algumas formas de exercitar ações adaptativas preventivas em relação a:

- Mudanças;
- Ambientes externos;
- Ambientes internos;
- Pessoas e rostos;
- Percursos;
- Sequências de ações;
- Instruções;
- Símbolos e códigos.

Essas ações podem facilitar o professor na adaptação da criança com esse diagnóstico. Por meio dos aspectos apontados fornece ao profissional da educação uma visualização de possibilidades que ajude no processo de inserção da criança com TEA no meio escolar.

Cunha e Filho (2010) afirmam que em um ambiente que a criança com TEA ainda não está familiarizada, ela pode se sentir ameaçada no ambiente com muitas crianças, com tantas falas e atitudes. E em decorrência disso pode ter certas atitudes como: Movimentos corporais repetitivos, ficar somente em um determinado lugar do colégio, indiferença com os colegas e professores quanto a receber ajuda ou ajudar quando solicitado, reações agressivas com objetos ou pessoas e choro intenso.

Essas atitudes estão presentes também em crianças sem diagnóstico de TEA e acontecem por ser o primeiro contato com a escola. Naquele momento estaria se estabelecendo uma nova rotina, tornando aquele momento uma adaptação ao ambiente escolar.

Para Laplane, 2014 a criança com TEA que começa a frequentar o ambiente escolar requer um pouco mais de paciência. Seus comportamentos se tornam mais evidentes, devido à dificuldade em se submeter às regras e sua capacidade de aceitar determinadas situações, dificultando assim o convívio social da criança com esse diagnóstico.

Nessa primeira fase de adaptação a criança, encontrara uma dificuldade natural em desapegar-se da mãe, ampliando seu convívio com outras pessoas. Porém é preciso ser feito a adaptação da criança com o diagnóstico acolhendo-a no meio escolar. Explicar para as outras crianças, com o desenvolvimento típico, que a criança com TEA precisa ser ensinada do conjunto de normas sociais e promover o relacionamento com seus pares e com os adultos.

Outro aspecto que possibilita a inclusão de crianças com TEA no ensino regular é ter uma rotina escolar, devido à necessidade de rotina das crianças com TEA.

O professor precisa manter uma rotina para facilitar a inserção, considerando as particularidades de cada caso. Para a criança com TEA é importante que no ambiente escolar os professores organizem horários adequados como: roda de conversa, atividades, lanche, parque entre outras programações estabelecidas no dia a dia da escola.

Como afirmam Cunha e Filho (2010, p.23):

O cotidiano escolar possui rituais que se repetem diariamente. A organização da entrada dos alunos, do deslocamento nos diversos espaços, das rotinas em sala de aula, do recreio, da organização da turma para a oferta da merenda, das aulas em espaços diferenciados na escola, da saída ao final das aulas e outros são exemplos de rituais que se repetem e que favorecem a apropriação da experiência escolar para a criança com TGD.

Essa rotina escolar é muito importante para as crianças com TEA. Amplia a experiência escolar, proporcionando uma apropriação do meio social e seu desenvolvimento cognitivo através de exercícios de ensino e aprendizado que serão úteis para o convívio social.

É importante salientar que as crianças com esse diagnóstico precisam ser comunicadas de cada momento que acontece no cotidiano, quando passa a frequentar um novo espaço educacional. Mesmo que no primeiro momento ela pareça não ouvir e não prestar atenção.

Ao longo do tempo ela estará mais segura no ambiente escolar e a rotina já fará parte de sua organização e não haverá mais a necessidade da comunicação do que será feito no momento posterior. Uma importante conquista para a escola é a compreensão do cotidiano escolar para a criança.

Nesse sentido é importante que a criança com TEA participe de todos os momentos do cotidiano escolar, por exemplo: Permanecer em sala de aula, estar presente entre seus colegas na hora do recreio ou das refeições, estimular autonomia na interação com o outro e solicitar sempre que precisar de algo. Mesmo que esses aspectos não sejam aceitos no primeiro momento, é preciso esperar as conquistas futuras que ao longo do tempo a criança irá alcançar.

É importante também que a criança com autismo tenha a oportunidade de conviver com seus pares da mesma faixa etária, para estimular nela sua capacidade de interagir, evitando um isolamento constante. Por exemplo: Uma criança com TEA, que não é o sujeito desta pesquisa, estava na creche fazia apenas um mês e ainda tinha dificuldades de adaptar-se a rotina. Um dia, de forma espontânea, uma colega da turma pegou em sua mão e a ajudou a participar da fila para ir para o parque.

Há evidências de que as crianças com autismo se desenvolvam melhor no ensino comum, por meio de uma experiência compartilhada, as crianças irão aprender a conviver com suas diferenças, respeitando a particularidade de cada um. Bosa, (2006 *apud* Camargo e Bosa 2009, p.69), “destaca as evidências de que a provisão precoce de educação formal, a partir dos dois aos quatro anos aliada a integração de todos os profissionais envolvidos, tem obtido bons resultados”.

Compreender a importância do processo de inclusão escolar na vida das crianças com diagnóstico de TEA é entender que tal processo não depende apenas do professor ou da escola. É imprescindível a cooperação de todos que estão envolvidos no processo.

Outro aspecto importante a ser mencionado é a fala de Martins, (2009 *apud* Chiote 2012) quando se refere ao brincar na vida da criança com TEA. Esse processo pode demorar e

várias pessoas envolvidas podem se frustrar: pais, familiares e professores. Devido à dificuldade com a interação, muitas vezes os adultos não investem em brincadeiras lúdicas e descredita que a brincadeira pode ajudar no seu processo de desenvolvimento.

O brincar para a criança com TEA é fundamental e muito importante para seu desenvolvimento. Mas destaco que é preciso ensinar a criança a brincar, envolvendo-a em brincadeiras lúdicas e jogos. Pode ser um processo longo, mas possível, respeitando a interação que a criança estabelecer. Posso citar um exemplo da mesma criança apresentada acima que, com dois anos de idade, a professora entrega para ela, pela primeira vez, um pedaço de massinha de modelar. No primeiro momento ela rejeita e não se interessa. Todos os dias a professora oferece a massinha à criança. Até que em um determinado dia ela aceita brincar com a massinha, que passa a entrar em seu repertório de brincadeiras.

Vygotsky (1983 *apud* Chiote 2012), ressalta que a brincadeira e o jogo não são uma atividade natural da criança, por isso é importante que no espaço da Educação Infantil sejam propostas situações que as crianças com TEA aprendam a brincar.

Sobre a brincadeira Vygotsky afirma que:

Fornece ampla estrutura básica para mudanças da necessidade e da consciência. A ação na esfera imaginativa, numa situação imaginária, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos da vida real e motivações volitivas – tudo aparece no brinquedo, que se constitui assim, no mais alto nível de desenvolvimento pré-escolar. A criança desenvolve-se, essencialmente, através da atividade de brinquedo (VIGOTSKI, 2007, p. 69).

Essa questão é bem relevante na Educação Infantil. A criança estará vivenciando o lúdico, estimulando sua imaginação que é própria dela e aprendendo a interagir com seus pares e com os adultos. O seu desenvolvimento acontecerá de forma dinâmica como é própria da Educação Infantil. Nota-se a importância da Educação Infantil na vida das crianças, principalmente crianças com TEA.

Mas nesse processo é fundamental a presença da professora, que estará no cotidiano da criança proporcionando condições para que as crianças, com TEA, aprendam a brincar e se desenvolvam. Aumentando suas experiências com brincadeiras e estimulando a interação com seus pares.

Assim, entende-se que a inclusão de crianças com TEA é realmente possível, pois, afinal, existem respostas positivas quanto a essa viabilidade, porém, a escola necessita ter estrutura, os profissionais precisam ser qualificados e é imprescindível o apoio de uma equipe multidisciplinar (FERNANDES, PIMENTEL, 2014, s/p.)

No entanto é preciso que as escolas estejam preparadas para receberem alunos com TEA. Com uma estrutura adequada, com profissionais especializados e apoio para as famílias quando necessário, porém é uma realidade utópica. Mesmo não encontrando a realidade relatada acima é preciso montar estratégias que possibilitem o desenvolvimento da criança com TEA no ensino regular. É direito de cada criança com esse diagnóstico a inclusão.

Devido à diversidade das crianças com TEA o professor precisa ver o aluno com suas especificidades. Trazer para o cotidiano estratégias de ensino que envolva o aluno com TEA. O foco não pode ser no transtorno, todavia as práticas precisam trabalhar suas habilidades e dificuldades para que a criança com esse diagnóstico possa se desenvolver estando em sala de aula.

Cada professor segundo Kubaski (2015) precisa ter o conhecimento do que seria o Transtorno Espectro Autista e conhecer seu aluno com TEA. Dessa forma o professor estará a produzir práticas de ensino que possam proporcionar à criança o desenvolvimento de suas habilidades. No entanto relata Belisário, Cunha (2010 *apud* Kubaski, 2015) que essa prática de ensino deve estar relacionada às experiências diárias, proporcionando ao aluno aprendizado para outros ambientes de intervenção social.

É preciso destacar como o aluno com TEA será recebido pela instituição de ensino e recebido em sala de aula pelo professor. Por vezes o aluno é mal compreendido, seria porque os professores não estão familiarizados com práticas específicas que precisam ser trabalhadas com crianças com esse diagnóstico?

Para Humphrey e Lewis, (2008) *apud* Kubaski, Pozzobon, Rodrigues, (2015) é mais fácil o professor do ensino regular receber em sala de aula crianças com outras deficiências do que criança com TEA. Devido à criança com este diagnóstico ter dificuldade de interação e comunicação exigindo maior empenho do professor.

Como afirma Humphrey e Lewis (2008, *apud* Kubaski, Pozzobon, Rodrigues, 2015, p.3):

Descrevem a inclusão de alunos com TEA como uma das áreas mais complexas e mal compreendidas da educação, pois os professores das escolas regulares relatam que não têm o treinamento nem o suporte necessário para atender esses alunos que são vistos como mais difíceis de incluir do que alunos com outras deficiências devido às dificuldades de comunicação e interação social. Além disso, o ambiente escolar, sem rotinas definidas pode influenciar no comportamento de pessoas com TEA. Assim, esses são mais susceptíveis de serem excluídos e menos aceitos do que a maioria dos outros grupos de alunos da escola.

É fundamental que o processo de inclusão de alunos com TEA seja avaliado, para manter a qualidade do processo na vivência do aluno com esse diagnóstico no ensino regular. No entanto será por meio de uma boa avaliação que será possível compreender possibilidades no processo de inclusão desses sujeitos em sala de aula.

Segundo Kubaski, Pozzobon, Rodrigues (2015) é importante avaliar o processo de inclusão das crianças com TEA na rede regular de ensino, como aponta abaixo:

(...) a necessidade de avaliarmos a inclusão de alunos com TEA a partir de indicadores que retratem a realidade do processo inclusivo desses sujeitos, refletindo de modo mais amplo a qualidade da inclusão educacional escolar que estão vivenciando.

Com essa análise é importante ressaltar a necessidade de se fazer uma avaliação da inclusão de crianças com TEA no meio escolar. Com isso é importante que a professora e a escola fiquem atentas ao processo de inclusão de crianças com TEA.

Outro aspecto a ser mencionado quanto à criança com TEA é sua dificuldade em lidar com as emoções, normalmente encontra uma dificuldade muito grande em controlar suas emoções e compreender o meio social. Baseado nisso que será avaliado seu processo de inclusão e interação. E o professor precisará pensar em algo que auxilie esse aluno em sua interação, amenizando essa dificuldade com a emoção.

Um estudo americano feito há pouco tempo por Wong, Kasari, (2012, *apud* Kubaski 2015) por meio de uma observação cuidadosa investigou a inclusão de crianças com TEA e suas habilidades em um contexto social. Os autores analisaram a participação de crianças com TEA em suas turmas. As crianças com esse diagnóstico teriam que fazer trabalhos conjuntos com outros alunos em sala de aula. O total de crianças que participaram desse estudo foram 55 alunos, sendo que 27 eram autistas e as outras crianças tinham outras dificuldades. Foram distribuídas em 11 salas, em cada sala ficou de 7 a 14 crianças e essas crianças tinham em média de 3 a 5 anos de idade.

Os pesquisadores analisavam como cada criança interagia com as pessoas e objetos nas salas, verificaram o engajamento e o não engajamento tanto dos alunos quanto das professoras. O resultado da pesquisa foi que as crianças com TEA ficavam pouco tempo engajadas em atividades com o grupo. Analisou-se também que as crianças com TEA eram pacíficas e as outras crianças mais ativas nas brincadeiras e interações.

A pesquisa de Wong e Kasari (2012, *apud* Kubaski 2015) contribuiu para compreender que duas coisas devem ser trabalhadas com as crianças com TEA no ambiente

escolar. Primeira delas seria estimular a interação com seus pares e a segunda, proporcionar a participação das crianças, com esse diagnóstico, nas brincadeiras e jogos de forma mais ativa.

É importante ressaltar que a inclusão escolar não é só manter a criança em sala de aula. Haja vista que não seria dessa a forma que estaria acontecendo à inclusão. Porque a inclusão envolve o processo de aprendizado e de desenvolvimento de suas habilidades. Para que o processo de inclusão ocorra, é preciso que a criança com TEA esteja em sala de aula, participando das atividades da turma e suprimindo suas necessidades.

Segundo Lazzeri (2010 *apud* Kubaski, Pozzobon, Rodrigues, 2015) não basta o aluno com TEA está na escola comum é preciso que ele participe da rotina escolar como todos os outros alunos. É necessário que ele esteja com seus pares para seu desenvolvimento e aprendizagem. Em uma escola em Santa Maria estudado pela autora, ela descreve as dificuldades encontradas pelos professores. Muitos alunos com esse diagnóstico tinham o Atendimento Educacional Especializado (AEE) conforme a lei, porém essas crianças eram atendidas no AEE no mesmo turno da aula, e não ficavam todos os momentos na sala de aula do ensino regular com seus pares. Outras crianças ficavam a maior parte do tempo em alguns lugares do colégio isoladas, por exemplo, no pátio.

É importante que o aluno com TEA esteja em sala de aula participando de todas as atividades para então ser concreta a inclusão desse aluno no ensino regular.

O interesse pela aprendizagem do aluno precisa partir do professor da rede regular de ensino, como também do professor de Atendimento Educacional Especializado o AEE. É importante ressaltar que a política nacional de educação especial deixa claro que a responsabilidade da aprendizagem do aluno com TEA cabe aos dois profissionais. Mas é preciso ser compreendido que o Atendimento Educacional Especializado é feito no contra turno da aula do aluno.

Nesse caso deve existir uma troca de experiências e uma partilha de estratégias para alcançar o objetivo. Para a inclusão do aluno com TEA é interessante que o professor do AEE auxilie o professor da classe comum com estratégias pedagógicas e flexíveis à especificidade de cada caso para a inclusão do aluno com diagnóstico.

Segundo Cunha e Filho (2010) é importante oferecer ao aluno com TEA referências de conduta e de participação por meio dos seus pares. Proporcionar trabalhos em grupos ou em dupla e também a disposição das cadeiras serem de forma que possibilite a observação da criança. E possa sentar de forma mais central, que facilite a observação de seus colegas. Para que a criança com este diagnóstico possa observar seus pares.

No que se refere à qualidade do processo de escolarização da criança com TEA, Laplane (2014) afirma que normalmente será muito diversificado. Normalmente há pouco interesse nas questões escolares. Duas são as estratégias propostas pelas escolas para bem acolher essa criança com diagnóstico. Primeiro atendimento em sala comum no ensino regular com ou sem a professora de educação especial. O segundo atendimento em sala de aula de recursos multifuncionais.

Essa variabilidade referente ao transtorno espectro autista corresponde um desafio muito grande para as escolas que precisam analisar caso a caso e compreender a especificidade de cada criança e trabalhar nos indícios de comportamento, de desenvolvimento, e a presença ou ausência da linguagem verbal e não verbal.

Segundo Laplane, 2014 é preciso promover a aprendizagem da criança com TEA, estimulando a interação social, encorajando a criança a se relacionar com seus pares, solucionar problemas. Realizar atividades de percepção e representação, estimular o uso da linguagem oral e escrita e diferentes conhecimentos.

Para a escola se tornar inclusiva é importante que ela confie em seus conhecimentos e seus processos. Encare a dificuldade como um desafio e uma oportunidade de ampliar seus conhecimentos e suas possibilidades. Lance o desafio de aumentar suas estratégias pedagógicas, criando novos modelos para que todos possam participar. Serão abordados alguns aspectos sobre as políticas públicas.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) – Lei nº 12.796 de 2013 (BRASIL, 2013) indica no art. 58 a definição da educação especial: “Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educados com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.”

É importante ser assegurado para os alunos com deficiência o desenvolvimento escolar, que possam auxiliar a ampliar suas competências em todas as modalidades e etapas da educação básica.

Referente a alunos com TEA, a Lei nº 12.764 (BRASIL, 2012). No Art. 3 informa que é direito da pessoa com transtorno do espectro autista o acesso á educação e ao ensino profissionalizante. No Parágrafo único diz: “Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado.”

Compreendida as leis quanto ao direito à participação das pessoas com deficiência ao ensino regular. É importante salientar que a igualdade também é garantida por lei: “Art. 84. A pessoa com deficiência tem assegurado o direito ao exercício de sua capacidade legal em igualdade de condições com as demais pessoas.”

É perceptivo grandes conquistas para educação especial na história do Brasil. No entanto percebemos que o governo nunca disponibilizou de grandes recursos para promover um atendimento de qualidade. Principalmente capacitação aos profissionais da educação nas classes comuns.

As Leis, Decretos, constituições, documentos entre outros são claros, mas será que o governo está próximo deste processo, avaliando como esses alunos estão se desenvolvendo no ensino regular?

Que a perspectiva seja para que o governo invista em uma educação inclusiva de verdade. Possa proporcionar a todas as crianças não somente o direito de estar em uma classe comum, mas o direito ao desenvolvimento do processo de ensino e aprendizado que compete à educação.

4. ESTUDO DE CASO: A INCLUSÃO DE UMA CRIANÇA COM TEA NO AMBIENTE ESCOLAR.

Nesse capítulo apresento um estudo de caso sobre João, uma criança com TEA que frequenta o primeiro ano do ensino fundamental em uma escola privada da Grande Florianópolis.

Foram realizadas entrevistas com a mãe do João, professora da Educação Infantil, professora do primeiro ano, professora de educação física e com o próprio João. Após a transcrição das entrevistas, foi elaborado um quadro para visualizar as informações coletadas. O quadro possibilitou que fossem definidos os aspectos a serem apresentados para caracterizar como vem sendo a inclusão escolar do João. Os aspectos a serem abordados são:

1. A entrada de João na escola: a Educação Infantil;
2. Aspectos apontados como facilitadores para a inclusão escolar de João;
3. Aspectos apontados como dificuldades de João;
4. Avanços no desenvolvimento de João na escola;
5. Interações com os colegas;
6. Interações com os adultos;
7. Ingresso de João no primeiro ano.

1. A entrada de João na instituição: na Educação Infantil

João é uma criança com diagnóstico de TEA. Tem hoje sete anos. O diagnóstico foi dado aos dois anos. Ele ingressou na Educação Infantil com um ano. Quando João tinha quatro anos mudou de instituição, e foi para uma instituição privada da grande Florianópolis, lá contou com ajuda de uma professora da Educação Infantil que preparou o grupo para recebê-lo. Falou suas características positivas, e a turma acolheu essa criança com alegria.

Quando entrou na escola, ele não falava. Logo em seguida sua fala foi se desenvolvendo. Com três anos ele ainda não falava e a partir de 4 anos e meio ele começou a falar.

A professora de Educação Infantil relata que quando ele chegou na instituição não era possível compreender a fala do João. A maior dificuldade de João era não conseguir se fazer entender. Por exemplo, quando ele não conseguia fazer algo, ficava nervoso e não conseguia explicar o porquê estava nervoso e o que ele queria. Mas com o passar do ano ele foi se desenvolvendo e no final do ano ele já tinha comunicação verbal.

Um estímulo para o desenvolvimento da linguagem verbal vinda da instituição conta a professora de Educação Infantil, é que ao ouvir uma funcionária do colégio que chamava as crianças no microfone, ele começou a se interessar em repetir os nomes das crianças que estavam sendo chamadas.

Não tinha nenhuma interação com os amigos da escola até os quatro anos. Relata a mãe: “Ele até procurava, mas não era correspondido”. Depois dos quatro anos houve grandes progressos. Conta a professora de Educação Infantil que no primeiro contato do João com a turma foi preciso trabalhar o entrosamento dele com os colegas.

A interação social com os colegas melhorou bastante a partir da mudança de colégio aos quatro anos. Com o auxílio da professora de Educação Infantil passou a ter bastante interação com os colegas da turma. Comenta a professora de Educação Infantil:

“No início tinha a dificuldade do entrosamento, onde foi trabalhado esse vínculo primeiro pelas crianças, primeiro o grupo para depois entrar o João. Depois que ele foi acolhido se tornou um facilitador para ele poder ter todo desenvolvimento que ele teve durante o ano retrasado e o ano passado.”

João tinha a necessidade da interação com o adulto em situações como, por exemplo, no momento em que ele ficava nervoso porque não conseguia fazer algo, o adulto precisava

interagir com João, para o entender e ajudá-lo a fazer o que no momento ele não estava conseguindo fazer, com isto ele logo se acalmava, explica a professora de Educação Infantil.

No que refere às brincadeiras, quando ele chegou na turma do novo colégio, com quatro anos, ele ia onde a maioria dos amigos iam, quando via que as crianças estavam correndo ele corria atrás, algumas brincadeiras de bola os amigos explicavam para ele, mas no outro dia os amigos precisavam explicar de novo. Relata a professora da Educação Infantil:

“Então, eram brincadeiras como pega-pega, algumas brincadeiras de bola o grupo foi ensinando, então conforme a gente ia falando ele ia assimilando algumas coisas, mas no outro dia ele acabava esquecendo e era toda aquela explicação novamente, mas ele ia no fluxo, ele via que estavam correndo ele ia correndo atrás.”

O João aprendeu a ser carinhoso na escola com seu grupo. Afirma a professora de Educação Infantil: “Nós conquistamos esse carinho dele, no início ele não tinha esse lado afetivo tão aflorado, tão aguçado e como o grupo recebeu de forma muito carinhosa ele se tornou um menino muito carinhoso, até percebido pelos familiares.”

Para a professora de Educação Infantil não foi difícil integrar o João na turma, ele não interagiu com todos, tinha preferência pelo Marcio e logo em seguida o Augusto e as meninas.

2. Aspectos apontados como facilitadores para a inclusão escolar de João

O raciocínio lógico do João é muito rápido e facilita em sua inclusão, principalmente nessa transição da Educação Infantil para os Anos Iniciais. Relata a professora de educação física: “Quando tem uma brincadeira relacionada à contagem ou a divisão João é sempre bem rápido”. Relata a professora de Educação Infantil: “Nós fazíamos algumas contas ou dávamos números e datas e ele tinha uma facilidade muito grande.” Um exemplo, foi quando a professora da Educação Infantil relatou para o grupo que ele sabia fazer essas contas, e o grupo passou a falar “João como você é inteligente, já sabe fazer contas de matemática”. Foi muito importante para eles verem o João com outros olhos.

João é muito intenso nas brincadeiras propostas da aula de educação física. Ele sempre aproveita tudo, por ser o momento que proporciona a ele as duas coisas que mais gosta: estar com os amigos e brincar. Como ele mesmo afirma “Eu nunca fico cansado de brincar.” e “Eu gosto de brincar com os amigos.”

João é extremamente criativo, na Educação Infantil era exemplo para os amigos na montagem dos brinquedos, os amigos observavam o que ele montava.

Relata a professora do primeiro ano “João é uma criança muito fácil de lidar, ele entende com mais facilidade as situações que outros alunos com a mesma especificação do João, do Transtorno do Espectro Autista.”

É perceptível que um dos aspectos que facilita na inclusão de João tanto na Educação Infantil, quanto nos Anos Iniciais, Também percebo que esse diálogo com os familiares é fundamental no processo de inclusão. Outro fator a ser destacado é a compreensão da habilidade da criança com TEA e oferecer ênfase nessas capacidades para que as outras crianças envolvidas possam acolher a criança com esse diagnóstico.

3. Aspectos apontados como dificuldades na inclusão escolar de João

João também apresenta dificuldades, que serão apresentadas agora.

Até os quatro anos João não falava. Hoje já existe uma comunicação verbal, mas alguns professores encontram algumas dificuldades, como relata a professora de educação física:

“Às vezes ele fala e eu não consigo entender o que ele ta falando, ele tem que repetir umas quatro ou cinco vezes, se eu ainda não entender eu peço para ele, tento fazer perguntas relacionadas a algumas palavras que ele falou para mim para ver se ele muda a frase para que eu consiga entender o que ele ta falando.”

No entanto os colegas de turma já compreendem a fala dele e ajudam a professora de educação física quando ela não consegue compreender o que ele está querendo expressar verbalmente.

Como também a professora do primeiro ano relata:

“A fala do João ainda está em tratamento com a fonoaudióloga, ele ainda está na fase de se apropriar na maneira correta de se comunicar isso é fato, muitas situações a gente precisa que ele repita para que a gente compreenda o que ele está falando.”

João ainda está aprendendo a falar palavras com o som do R fraco e esse elemento, gera um desafio maior para ele na comunicação verbal.

Porém hoje ele já tem amigos que vão à casa dele para brincar. Segundo a mãe, não sabe se são amigos como João gostaria de ter. Porque por mais que seus amigos vão à sua casa para brincar, muitas vezes em aniversários que João e os amigos são convidados a mãe percebe que ele não é procurado pelos amigos.

Uma das dificuldades do João seria a interação com o meio social, com os amigos, a forma de como compreende as regras e as vontades dos colegas. É preciso estar mediando em vários momentos. Ele não tem dificuldade de se inserir no grupo, e sim de aceitar como conduzir uma brincadeira com regras, é preciso sempre fazer a mediação. A professora do primeiro ano relata um exemplo de sala de aula:

“Em algumas situações o choro é presente até para que ele compreenda uma situação. Por exemplo, no momento de guardar o brinquedo para realizar as atividades ele diz: “brincar o dia inteiro, eu quero”. Mas tem uma rotina de trabalho na escola, então é explicado para ele como as situações vão acontecer e que no final do período vai ter outro momento para brincar. Aí ele se tranquiliza e realiza a atividade proposta.”

Essa dificuldade de interação com os amigos precisa sempre de mediação do adulto. João tem dificuldade de aceitar regras, é preciso conversar com ele, fazê-lo entender que naquele momento não dá para ser daquele jeito. Como João mesmo conta em sua entrevista, quando ele não cumpre um combinado ele perde o direito do futebol com os amigos no pátio. Na entrevista João afirma também que não gosta de perder o direito nem de cumprir o combinado.

A mãe de João afirma “A maior dificuldade dele hoje é escrever uma frase ou construir um texto. Ou ainda, fazer um desenho que envolva a criatividade, ele não vai fazer todo um contexto, vai ser mais direto e lógico.”

É perceptível que João não gosta de seguir regras e respeitar combinados. Mas é preciso ser mediado de uma forma que possibilite sua compreensão e isso culturalmente contribui para sua inserção escolar.

Essa é uma dificuldade esperada principalmente no primeiro ano, que tem toda uma rotina escolar diferente da Educação Infantil, mas que para João isso não foi percebido como dificuldade. A única preocupação de sua mãe é quando ele for para o segundo, terceiro e consecutivos anos, pois ela acha que a professora não estará tão próxima dele para mediar as interações com os colegas. Por isso a importância a escola ter um projeto bem definido de inclusão, pois este processo não pode se restringir à ação individual de alguns professores.

4. Avanços no desenvolvimento de João na escola

Segundo a mãe, houve um desenvolvimento na interação com os amigos da turma e com a professora. Relata a mãe que “A comunicação da professora é peça fundamental nesse progresso de interação social”. A comunicação da professora com os pais ajudou muito em

todo desenvolvimento da interação do João, porque tanto a professora quanto os pais trabalhavam na mesma direção. Depois que João foi acolhido pela turma e pela professora ele se desenvolveu muito na Educação Infantil.

Um dos avanços que João teve foi na expressão oral. O avanço foi muito grande, ele conseguiu demonstrar o que ele sabia, e isso foi surpreendente. Um exemplo muito interessante relatado pela mãe é que João esse ano de 2016 viu os vídeos de quando ele era pequeno e ainda não falava. A mãe perguntou para ele: “Filho você entendia, mas por que você não falava?” E ele respondeu: “Porque eu não conseguia”. Ao perguntar se ele entendia o que era falado ele respondeu que sim.

A professora da Educação Infantil comenta: “Foi bem bacana que a fonoaudióloga falou que o crescimento dele foi de 300%. Foi muito grande então acho que isso facilitou bastante, a fala dele desenvolveu muito até o final do ano.” Acrescenta a professora “O crescimento do João na Educação Infantil foi surreal, muito grande mesmo o crescimento do João.”

João teve muitos avanços em sua fala e acredita a professora do primeiro ano que a tendência é ele avançar ainda mais. A professora do primeiro ano também comenta: “João nas duas primeiras semanas de aula começou a ler e escrever.”

João relata que quando chegou à escola o que ele achou mais legal foi fazer amigos. Para João o desenvolvimento principal e mais interessante foi sua interação social. Outro desenvolvimento comentado por João foi à facilidade que ele tem em fazer as atividades propostas e seu prazer em ler e escrever. A professora do primeiro ano conta que:

“Ele tem muito essa iniciativa, muitas vezes você está explicando alguma coisa e ele já te vem dando a resposta, como ele tem esse grande envolvimento pela leitura pela escrita, um raciocínio lógico excelente, ele é muito ágil. Muitas vezes ele dá a resposta e não espera que o outro fale, mas é muito da espontaneidade dele, ele não faz isso com a intenção de magoar o colega é muito da vontade de manifestar.”

Quanto ao desenvolvimento do João nessa transição da Educação Infantil para os Anos Iniciais não foi percebido nem pela mãe, nem pela professora, do primeiro ano, que ele tenha encontrado alguma dificuldade. Pelo contrário, foi feita a transição de uma forma tranquila.

E a professora do primeiro ano afirma: “A gente pensava, a gente vai ter uma série de situações para adaptar o João na rotina de primeiro ano, que muda um pouquinho, a rotina de Educação Infantil para o primeiro ano, e ele tem se saído muito bem.”

A professora do primeiro ano também relatou que uma estratégia utilizada por ela foi o diálogo. Ela procurava conversar com João quando algum conflito acontecia. Ouvir João era fundamental. Era muito frequente que João tivesse dificuldade de compreender algumas regras. Quando algum amigo procurava a professora para resolver um conflito com João, a estratégia da professora era sempre conversar com ele. João precisava compreender que é necessário respeitar as regras. Normalmente João compreendia a partir do diálogo estabelecido entre ele e a professora. E isso tem ajudado João em seu desenvolvimento. Outra estratégia utilizada pela professora foi destacar as habilidades de João para os amigos, isso ajudou em sua inserção na escola.

Mas a mãe demonstra ter certa expectativa referente à interação social do João na continuidade escolar. Expectativa de João não ser compreendido pelos outros professores ou pela ausência dos professores nas mediações que precisam ser feitas com o João.

Percebo que a mãe de João fica bastante apreensiva quando se refere ao futuro escolar do filho na dimensão da interação com os professores e colegas. No entanto, percebi uma confiança da mãe quanto ao conteúdo escolar, devido ao fato de João dominar bem as atividades que são propostas a ele.

5. Interações com os colegas

Atualmente a professora do primeiro ano sinaliza para a família o que o João precisa melhorar quanto à interação com os amigos. Quando é conversado com João no colégio e em casa com os pais, ele consegue dar conta do que é solicitado. A mãe de João comenta:

“Se o professor tiver a compreensão de que a interação é importante e ela te auxiliar, você não vai ter esta dificuldade, agora se o professor não compreender você terá esta dificuldade ou João terá dificuldade e eu não vou saber, porque o João faz cálculos com números negativos, porém ele não consegue dizer com quem ele sentou no dia...”

“...se o professor não tiver a compreensão de que isso é importante..., que ela é a peça fundamental em tudo, ela é mais importante que a fono, que a psicopedagoga, que a psicóloga porque na sessão individual ele só vai interagir com a profissional, na sala não, é com todas as crianças.”

É fundamental esse diálogo da professora com a mãe. A escola precisa ser inclusiva e o professor precisa compreender que é a chave fundamental para o desenvolvimento da interação social do aluno com TEA.

A professora do primeiro ano afirma: “Ele não tem dificuldade de se inserir no grupo, e sim de aceitar como conduzir uma brincadeira com regras.” Mas por vezes ainda precisa ser mediado. Conta a professora do primeiro ano:

“O futebol, é uma brincadeira que ele precisa compreender que é jogado com os pés, que você precisa estar passando a bola de um jogador para o outro, muitas vezes ele não age assim, e a gente precisa estar mediando e estou mediando sempre. Até que ele se aproprie disso para poder lidar.

“Nas situações de sala ele interage com os amigos. Se tem o dia do brinquedo, da novidade, ele tem a vontade de participar das brincadeiras com os colegas, mas daí surge aquelas situações “Ah mas não é a vez do João jogar agora” um joguinho de sala, ou “Prof. aquela pecinha era minha e o João espontaneamente pegou para ele” então por isso a gente precisa estar mediando e orientando o João para que isso vá se inserindo na vida dele, de respeitar a vontade do outro, de que aquele não é o momento dele.”

A professora relata para os pais que trabalham com o João em casa. Segundo a mãe:

“Mas eu também tenho que fazer as intervenções com ele, porque a professora também me repassa isso, como eu fazia ano passado, quando ele estava no infantil, a professora também me passava, também dizia que eu tinha que fazer algumas intervenções, conversar com ele, e este ano a professora continua falando isso para mim.”

Há uma preocupação da mãe relacionada à interação do João, ela gosta de estar sempre mediando junto com a escola. Ela diz:

“Eu necessito que a professora me auxilie com esta interação, para quando ele tiver qualquer dificuldade, ela possa me repassar para que eu possa fazer isso em casa e com as terapias, porém mais em casa, que eu venha a conversar com ele diariamente. Se aconteceu alguma dificuldade que precisa ser trabalhada, a professora me relata e aí eu vou trabalhar com ele todos os dias para ele aprender a interagir.”

Para João os amigos são tudo, ele procura muito pelos amigos e sofre muito quando um amigo não quer estar perto dele, ou brincar com ele. Como João mesmo afirma, tanto na Educação Infantil como no primeiro ano: “É muito legal brincar com os amigos.”

Parece que a interação do João foi bem construída na Educação Infantil e está sendo bem conduzida no primeiro ano. A mãe entende que ele tem uma pequena dificuldade porque por vezes ele fica brabo com os amigos e ele é um pouco repetitivo. Porém é necessário ser trabalhado com ele para que se alcance um maior desenvolvimento em sua interação social.

Ele tem um fascínio muito grande pelos meninos, especialmente por Marcio. Quando é explicado para ele que precisa respeitar a vontade do amigo, por vezes ele chora e às vezes ele

entende. Mas ele consegue brincar com a turma com apoio da mediação do adulto. A professora de educação física explica através de um exemplo: “O pega-pega normalmente ele vai traçar um foco e pegar só os meninos, principalmente o Marcio, é preciso à mediação de conversar com ele e explicar que ele precisa pegar as meninas, ai ele vai e pega as meninas, mas depois volta no foco dele.”

Para a professora do primeiro ano João tem alguma preferência por algumas crianças que ele chama de melhores amigos, mas ele quer que esses amigos sentem com ele no lanche, que esses amigos vão para a fila com ele entre outras coisas. Isso foi sinalizado para os pais e conversado com ele que precisamos respeitar a vontade do amigo também. João conversa com todos os amigos, senta com todos na sala, mas ele sempre fala que os dois melhores amigos dele são Marcio e o Augusto, que vão também à casa dele.

Em trabalho de grupo e dupla a professora do primeiro ano precisa estar sempre mediando para ele compreender que existe a vez do amigo, porque pela iniciativa dele, ele quer responder tudo. No entanto afirma a professora de Educação Infantil, “Em trabalhos de grupos ou dupla o João era mais ajudado do que ajudava, mas ele sempre participou, a turma sempre entendia o João.

Para a mãe a interação é fundamental no processo de desenvolvimento humano, e para ela a Educação Infantil foi bem importante neste processo. Ela comenta:

“Eu acho que a Educação Infantil ajudou demais na interação dele, e com os amigos, junto com a interação vem à fala. Quando se proporciona a interação social ele tem crescimento em tudo, tanto na escola como nas atividades. É a interação social que faz você crescer, faz você crescer como ser humano.”

Toda a construção de interação feita na Educação Infantil e no primeiro ano do ensino fundamental foi importante para que hoje João conseguisse a inserção escolar e uma interação é possível. João é uma criança que tem amigos que gostam de estar com ele, vão a sua casa toda a semana para brincar. Em análise percebi que a partir da mediação feita pelas professoras a interação de João cresceu muito em todo seu processo escolar.

6. Interações com os adultos

Foram poucas as referências ao contato do João com os adultos. As professoras destacaram que o contato maior dele é com seus pares, em todos os relatos é notável a vontade que João tem de estar com seus amigos, de preferência brincando com eles.

A professora de educação física relata que o João é muito carinhoso, e toda vez que a vê, chama ela e corre para lhe dar um abraço e fala com ela sobre algum esporte.

A professora do primeiro ano afirma que é preciso que a professora esteja sempre interagindo quanto à mediação do João em sua interação social. Não ouvi relato nas entrevistas que João procurou a professora para resolver conflito, normalmente são os amigos que procuram a professora para resolver, mas fica claro na fala das professoras que, por vezes, no primeiro momento aparece o choro, porém logo em seguida ele compreende, e em outras vezes ele entende e aceita o que foi proposto pela professora para solucionar o conflito.

Para João, é importante a mediação do adulto para facilitar seu processo de interação social. Podemos afirmar que João tem um bom processo de interação com os adultos.

É necessário que o docente estabeleça com João aspectos da interação social com os adultos que ele ainda não compreende, e outras que ele compreende, mas encontra dificuldade de aceitar.

7. Ingresso do João no primeiro ano

Não foram verificadas dificuldades aparentes no ingresso do João no primeiro ano. Como explica a mãe: “Eu não senti muita diferença assim, agora tem muito mais deveres, muito mais obrigações, tem horários.” A mãe também compreende que: “Agora a visão também é do conteúdo, do que o aluno aprende, enquanto que ano passado era também o que ele aprendia, mas também era muito a questão da interação.”

Porém quanto ao conteúdo para João é tudo muito fácil de ser resolvido. O problema é que por ter bastante atividade para fazer, ele fica um pouco cansado. Como ele mesmo explica: “Gosto de fazer deveres, mas só que deixa eu cansado.” João sabe que os deveres é fácil para ele, porque as atividade propostas ele consegue resolver com facilidade, mas é uma coisa difícil pela quantidade, ou seja, fica difícil se manter tanto tempo na mesma atividade. Ele tem essa compreensão quando explica: “Uma coisa difícil é deveres. Eu consigo, é muito difícil, mas para mim não.”

Podemos levantar uma questão em relação à fala do João quando se refere aos deveres. É difícil para ele fazê-lo devido à quantidade de atividades ou o que deixa ele cansado é ter que fazer algo que ele já domina?

Sobre a facilidade que o João tem em fazer os deveres, a mãe comenta:

“Para ele é muito fácil, quando ele vem com os deveres ele já sabe as respostas. Ele chegou ao ponto de apagar os deveres que fez enquanto a professora estava explicando. Ela explicava e ele já tava respondendo. Ela pediu para ele apagar porque era para fazer em casa, ela só estava explicando. Então geralmente ele vem já com tudo respondido, ele tem é um pouco de preguiça de fazer.”

João já sabe ler e escrever sozinho e ele explica quando aprendeu: “Eu aprendi desde que fui para o primeiro ano.” Conta a professora do primeiro ano: “Nas duas primeiras semanas de aula ele começou a ler e escrever.” A professora do primeiro ano comenta também que João descobriu o prazer na leitura e na escrita.

A mãe comenta algo importante que permanece acontecendo no primeiro ano, como já era feito ano passado: A professora relata as dificuldades de interação de João e são feitas intervenções em casa. Este pode ser um dos motivos pelo qual não foi verificada dificuldade na chegada do João no primeiro ano. Explica a mãe: “Também estou fazendo o trabalho com a professora, sem o trabalho da professora, eu não teria isso.”

Foi observada uma apreensão da mãe referente ao futuro escolar de João: “Quando chegar ao ponto que ele tiver que escrever um texto, uma frase, essa é a maior dificuldade dele, relatar alguma coisa.” Acrescenta: “A dificuldade vem na criação de um texto ou fazer um desenho, esta parte mais criativa. A outra parte assim ele consegue responder qualquer coisa, ele responde facilmente.”

Outra preocupação relevante da mãe é quanto à participação das futuras professoras na interação social de João. Aponta:

“Eles começam a crescer e também algumas coisas a professora não vai mais ter influencia, e nem tem que ter, só tem crianças que respeitar, [...], e alguns não respeitam, e de repente ele também não respeita, alguns crianças não respeitam e se aproveitam da dificuldade dele.”

De modo geral, parece que João fez uma boa transição da Educação Infantil para o primeiro ano. Em minha análise João realizou essa transição de maneira muito tranquila. Muda um pouco a rotina da Educação Infantil para o primeiro ano, no entanto ele aceitou esta transição de uma maneira admirável. Acredito que todo este desenvolvimento foi possível, devido à construção de estratégias pedagógicas estabelecido desde a Educação Infantil que se deu continuidade no primeiro ano.

5. CONSIDERAÇÕES SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR DE JOÃO

O relato da mãe e das professoras mostra que João é um menino que gosta muito de estar com seus pares, como ele mesmo relata que ficaria brincando todo tempo com seus amigos. Porém, quanto à interação de João com seus colegas nas atividades propostas na escola, foram encontrados, nessa pesquisa, vários relatos de situações nas quais foram necessárias mediações específicas por parte dos adultos.

João apresenta dificuldades de aceitar as regras dos jogos e das brincadeiras e também os combinados feitos com os amigos. Por vezes fica irritado, nervoso e sua forma de expressar isto é através do choro. Mas João consegue ouvir o adulto e entender que naquele momento não pode ser do jeito que ele quer. Consegue compreender mediante um trabalho feito na escola e com os pais em casa.

João demonstra ter também uma dificuldade de compreender quando um amigo quer estar com outro amigo no lanche, na fila e sentado em sala, porque ele determina que vai ficar com o amigo todos os momentos. Neste caso também é preciso ser trabalhado com a família que é muito parceira da escola nesse sentindo.

Ele tem habilidade quando se refere a números, um pensamento lógico muito rápido, com seis anos já sabe fazer conta com números negativos e com números altos, que normalmente uma criança com desenvolvimento típico da idade dele não conseguiria. Tem facilidade em aprender todo tipo de conteúdo. Em duas semanas de aula no primeiro ano aprendeu a ler e a escrever. Mas apresenta dificuldade referente à criatividade: no momento de escrever um texto ou fazer um desenho, normalmente ele é mais lógico e direto, sendo pouco detalhista.

Sua fala apresentou grande desenvolvimento depois que ingressou na escola atual. A partir dos cinco anos ele já era uma criança totalmente verbal. Mas ainda encontra certa dificuldade de se comunicar.

João não apresentou dificuldade com a mudança da Educação Infantil para o primeiro ano, muito pelo contrário, ele se sentiu mais confiante quando aprendeu a ler e escrever. Apesar de João achar muito fácil de resolver os deveres, ao mesmo tempo ele acha difícil pelo fato dos deveres cansarem bastante ele.

É pertinente comentar também sobre a interação da família com a escola. Os pais são muito presentes e são parceiros da escola e dos professores. Normalmente quando o professor

chama a mãe para conversar ela é sempre presente e muito compreensiva aos relatos das professoras referentes a situações que precisam ser ajustadas.

Assim que a professora conversa com a mãe referente a uma dificuldade de João apresentada na escola, a mãe em parceria com a professora traça uma estratégia para trabalhar com João em casa para ele compreender certas situações.

A mãe relata na entrevista que gosta que a professora comunique para ela tudo que acontece com João, para que ela possa ajudar na inclusão dele. Devido às dificuldades de interação que João ainda apresenta, para a mãe é muito melhor que a professora a comunique sobre tudo que se passa. A mãe mesmo relatou que se ela não for comunicada não poderá ajudar a evitar que João passe por certas situações de exclusão escolar.

Para os pais de João é muito importante essa comunicação da escola e da professora para a inclusão escolar. Essa parceria amplia possibilidades de inclusão no ambiente escolar. João não saberia contar para sua mãe se sofresse alguma situação de exclusão. A comunicação da professora com a família é um bom suporte para o êxito da inclusão escolar. Em relação às professoras que já trabalharam com João, encontramos possibilidades e limites em suas falas. No primeiro momento a estratégia usada pela professora da Educação Infantil e do primeiro ano foi semelhante para integrar o João à turma. Falaram das qualidades de João para os colegas, de modo que eles ficaram admirados das habilidades que João tinha e passaram a acolhê-lo melhor.

No primeiro momento a professora da Educação Infantil sentia dificuldade de entender o que deixava João nervoso. João ficava nervoso por não conseguir se fazer entender, não conseguia conversar e explicar o que o estava deixando ele nervoso e a professora ficava ansiosa por não conseguir compreender o que ele estava falando.

Uma limitação encontrada foi referente à dificuldade de João de compreender que o seu melhor amigo também gostava de brincar com outros amigos. Isso para João era muito difícil de entender, normalmente ele ficava nervoso e chorava porque queria que o amigo estivesse durante todo o período com ele. A família junto com a professora contribuíram nessa situação, para que João compreendesse que precisava respeitar a vontade do amigo.

Hoje se percebe que João faz as tarefas de forma rápida tanto porque ele tem grande habilidade, quanto para terminar logo e poder brincar com os amigos.

Uma limitação encontrada nas falas das professoras de educação física e do primeiro ano é a dificuldade de compreender certas falas do João. Muitas vezes ele, na pressa de ser

compreendido, se expressa de forma rápida e as professoras não conseguem compreender o que ele está manifestando no momento.

Uma estratégia interessante utilizada pela professora do primeiro ano foi informar às crianças que mais interagem com o João, que as regras, brincadeiras e jogos precisam ser mais bem explicados para que ele compreenda. Por vezes é preciso explicar mais de uma vez para ele possa lembrar daquilo que já foi explicado em outro momento.

A professora da Educação Infantil encontrou um meio que ajudou João no desenvolvimento de sua comunicação verbal. A professora percebeu que ele ficava muito atendo ouvindo as funcionárias da escola que chamavam as crianças no microfone na hora da saída. Logo em seguida ele tentava repetir os nomes das crianças que havia ouvido e isso ajudou no desenvolvimento da sua fala. A professora em nenhum momento proibiu esse interesse do João.

A mãe demonstra ter boas expectativas em relação ao futuro de João. Isso devido à facilidade com que João aprendeu a ler e a escrever, e suas habilidades em aprender qualquer tipo de conteúdo que ele possa ser direto e lógico.

Mas ela tem certa preocupação em relação à interação do João quando a professora não estiver tão próxima a ele. Porque no primeiro ano a professora ainda fica com as crianças durante o recreio, mas a partir do segundo ano ela não está mais tão próxima das crianças e haverá momentos em que elas estarão interagindo sem a mediação de um adulto.

Outra preocupação da mãe é quanto à comunicação com as futuras professoras de João. Porque até o presente momento todas as professoras reportavam o que a família precisava trabalhar com o João. Essa comunicação da professora com a mãe, principalmente referente à interação é muito importante, porque evita muito sofrimento e exclusão na vida de João.

Outra questão abordada pela mãe é a dificuldade que João tem de escrever uma frase ou fazer um desenho criativo, normalmente ele é mais direto e lógico. Essa preocupação da mãe é referente ao futuro de João quando for solicitado que ele escreva um texto, pensa que seu filho apresentará dificuldades na produção textual.

Quando este tema é citado pela professora da educação infantil, ela indica que João não apresenta dificuldades neste aspecto. A professora do primeiro ano não faz nenhum relato sobre a questão.

Compreendo que, referente à escrita de um texto, todas as crianças precisam ser estimuladas no processo de aprendizado da escrita.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo compreender o processo de transição da Educação Infantil para os Anos Iniciais na vida de uma criança com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista.

Para compreender melhor esse processo fiz uma breve pesquisa bibliográfica que identificasse a contextualização histórica do autismo para logo então destacar algumas características apresentadas pelas crianças com TEA. Percebi que existem três esferas comprometidas em pessoas com TEA, que são: socialização, comportamento e comunicação e que as características podem ir de um grau mais severo até apenas traços, mas todos são diagnosticados com TEA, a diversidade encontrada nos aspectos manifestados.

Em seguida, abordei sobre a inclusão escolar de crianças com este diagnóstico, verificando que, assim como em relação às características apresentadas, há particularidades em cada caso de crianças com TEA. É preciso então analisar as especificidades de cada criança, suas realidades culturais, familiares, suas experiências escolares, suas interações, sua forma de se comunicar e entre outros aspectos, para assim montar estratégias pedagógicas para trabalhar com essa criança no ensino regular na classe comum como é de direito de crianças com este diagnóstico.

Após as entrevistas feitas com as professoras de Educação Infantil, primeiro ano, educação física, com a mãe de João e com João, elaborei um quadro para elencar alguns aspectos que serão abordados agora. Iniciei destacando a entrada de João na instituição de Educação Infantil. Os relatos da professora e da mãe mostram que João teve uma boa aceitação em sua turma e, que através de mediações constantes da professora ele conseguiu interagir com as crianças. Tanto a professora, quanto os alunos foram bem receptivos ao João e isso parece ter facilitado sua inclusão escolar. E o que achei mais interessante foi que os amigos ensinavam João a brincar. É possível concluir que o processo de inclusão escolar do João na Educação Infantil foi feito com cuidado e atenção em relação as suas especificidades.

Identifiquei também alguns aspectos apontados como facilitadores para a inclusão escolar de João. Um dos apontamentos que quero destacar e que facilitou a inclusão escolar de João foi sua alta habilidade com os números. Ele é uma criança de seis anos que já realiza operações matemáticas complexas. A escola dá visibilidade a essa habilidade e os colegas se admiram, o que facilita sua inclusão social. Mas destaco também que ao mesmo tempo em que João é uma criança que tem o raciocínio lógico muito rápido, porém há uma expectativa

dele encontrar uma dificuldade em construir uma frase ou fazer um desenho com detalhes e com criatividade.

Os avanços no desenvolvimento de João na escola foram grandes. Quando iniciou na Educação Infantil ele não tinha comunicação verbal. O ambiente escolar facilitou o desenvolvimento da comunicação verbal de João e hoje, com seis anos, ele já consegue se comunicar de forma verbal. Ainda está em processo de desenvolvimento, porém sua fala se desenvolveu muito rápido depois que entrou na escola. Outro avanço que quero destacar é o fato dele ter aprendido a ler e a escrever na segunda semana de aula no primeiro ano do ensino fundamental.

No que se refere às interações com os colegas e com os adultos, as entrevistas mostraram que João interage de forma mais frequente com seus pares e pouco com os adultos. Mas essa interação de modo geral é boa, João se desenvolveu muito desde que chegou à escola. Ele sempre procura muito pelos amigos, João não é do tipo de criança que fica isolado, ele gosta de estar com os amigos. Porém tem dificuldade de compreender certas regras e por isso a professora precisa sempre estar mediando para que João compreenda certas situações que não podem ser do jeito que ele deseja, mas quando é explicado pela professora, por vezes ele compreende, mas em algumas situações ele reage com o choro.

Outra situação que ocorre é quando ele quer brincar somente com uma criança e João quer que seu amigo esteja a todo momento ao seu lado, nas atividades, no lanche, no parque, na fila entre outras situações. Esses momentos são mediados pela professora que explica para João que o amigo não deixara de ser seu amigo porque tem vontade de brincar com outras crianças, e que ele precisa respeitar a vontade do amigo. Normalmente depois da mediação ele compreende e respeita.

Por fim, sobre o ingresso de João no primeiro ano. Essa é a principal questão apontada nessa pesquisa: compreender como seria o processo de transição da Educação Infantil para o primeiro ano. Segundo a professora do primeiro ano e a mãe e João, todos consideram que foi uma transição tranquila e surpreendente. João não teve dificuldades com os conteúdos, pelo contrário é sempre o primeiro a responder as questões que a professora pergunta.

Destaco aqui duas questões apontadas pela mãe de João. A primeira seria referente às interações de João. Foi relatado que é sempre necessária a mediação da professora para que então se estabeleça a compreensão de João. Fica a pergunta: E quando a professora não for tão presente nas relações de João, como se darão suas interações? A outra questão seria em

relação à dificuldade que João tem em construir uma frase criativa. A mãe pergunta: como se dará no futuro quando ele tiver que escrever um texto?

Mas diante de toda a análise percebi que para essa criança a transição foi tranquila e surpreendente, referente ao conteúdo superou expectativas da professora e da família. Portanto com esse estudo de caso identifiquei que cada criança precisa ser vista de forma única, porque nenhuma criança será igual à outra e as estratégias utilizadas não serão as mesmas.

Até o momento se pode dizer que João vive um processo de inclusão escolar com boas perspectivas, já que tem demonstrado avanços desde que ingressou na escola. Com certeza, ao avançar nos anos escolares, novos desafios virão. Os conteúdos serão mais complexos, assim como as interações com os colegas e professores também. Talvez fosse o caso de trazer um aspecto que, a meu ver, tem sido a marca no processo de inclusão do João: o respeito às suas necessidades específicas e o esforço para atendê-las, seja por meio de estratégias pedagógicas na escola, seja com orientações e parcerias com a família.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli E. D. A. LUDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo/SP, Ed. Pedagógica e universitária, 1986.

BAPTISTA, Claudio Roberto. BOSA, Cleonice. **Autismo e Educação: reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre/RS, Artmed, 2002.

BOSA, Cleonice Alves. CAMARGO, Sígla Pimentel Höher. Competência Social, Inclusão Escolar e Autismo: Revisão Crítica da Literatura. **Revista Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v.21, n.1, Jan/Abr. 2009.

BRASIL. LEI Federal nº 12.764/2012, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990.

BRASIL. Nº 12.796, DE 4 DE ABRIL DE 2013. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112796.htm. Acesso em 20 jul. 2016

CUNHA, FILHO, Patrícia, José Ferreira Belisário. A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: transtornos globais do desenvolvimento. In: CUNHA, FILHO, **Coleção A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar**. Local: MEC/SEESP, 2010. p.1-40.

CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. **A Mediação Pedagógica na Inclusão da Criança com Autismo na Educação Infantil**. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo/ Vitória.

FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. PIMENTEL, Ana Gabriela Lopes. A Perspectiva de Professores Quanto ao Trabalho com Crianças com Autismo. **Revista Audiology – Communication Research**, São Paulo. v.19, n.2. abr/jun. 2014,12.

GIACONI, Catia; RODRIGUES, Maria Beatriz. Organização do Espaço e do Tempo na Inclusão de Sujeitos com Autismo. **Educação 61 & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, jul./set. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v39n3/v39n3a04.pdf>

KASSAR, Mônica de C. M. Uma breve história da educação das pessoas com deficiências no Brasil. In: MELETTI, Silvia M. F.; KASSAR, Mônica de C. M. Org(s). **Escolarização de**

alunos com deficiências: desafios e possibilidades. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2013. 33-76.

_____, Mônica de C. M. Percursos da constituição de uma política brasileira de educação. **Revista Brasileira Educação Especial**, Marília, v.51, p.41-58, Maio-Ago., 2011.

KUBASKI, Cristiane. POZZOBON, Fabiana Medianeira. RODRIGUES, Tatiane Pinto. Investigando a Qualidade da Inclusão de Alunos com Autismo nos Anos Iniciais. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPED**, 37, 2015, Florianópolis/SC. Anais Florianópolis/SC.: ANPEd. 2015.

KUBASKI, Cristiane. Investigando a Qualidade da Inclusão de Alunos com Autismo nos Anos Iniciais. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPED**, 37, 2015, Florianópolis/SC. Anais Florianópolis/SC.: ANPEd. 2015.

LAPLANE, Adriana Lia F. de. Reflexões sobre ensino, aprendizado e transtorno do espectro autista. In: ALMEIDA, Maria Amélia; MENDES, Enicéia Gonçalves Org(s). **A escola e o Público-alvo da Educação Especial: apontamentos atuais.** São Carlos: M&M, 2014. 229-245.

Portal Autismo e realidade, História do Autismo. Disponível em: <http://autismoerealidade.org/informe-se/sobre-o-autismo/historia-do-autismo>. Acesso em 20 de julho de 2016.

PRAÇA, Elida Tamara Prata de Oliveira. **Uma reflexão acerca da inclusão de aluno autista no ensino regular.** Dissertação de Mestrado Profissional em Educação Matemática. Universidade Federal de Juiz de Fora/MG, 2011.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza. SANTOS, Michele Araujo. Representações Sociais de Professores Sobre o Autismo Infantil. **Revista Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte/MG, v.24, n.2, mai/ago.2012.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu autorizo meu filho a participar como voluntário do trabalho de pesquisa intitulado **Transição da Educação Infantil para os Anos Iniciais na vida de uma criança com TEA em uma escola privada da Grande Florianópolis**, que tem como pesquisadora responsável Caroline Heil Mafra, estudante de Pedagogia na matriculada na UFSC em processo de Trabalho de Conclusão de Curso – com orientação da professora Maria Sylvia Cardoso Carneiro, da Universidade Federal de Santa Catarina. O presente trabalho tem por objetivo compreender o processo de transição da Educação Infantil para os Anos Iniciais na vida de uma criança com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista. Estou ciente de que a participação de meu filho consistirá em uma entrevista com a pesquisadora e que terá o áudio gravado em meio digital. Compreendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa, e que os dados obtidos serão divulgados seguindo as diretrizes éticas da pesquisa, assegurando, assim, a privacidade de meu filho. Sei que posso retirar meu consentimento quando eu quiser, e que não receberei nenhum pagamento por essa participação.

Assinatura

São José, _____ Junho 2016.

carolhmafra@hotmail.com

(48) 9982-9829

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntária, do trabalho de pesquisa intitulado **Transição da Educação Infantil para os Anos Iniciais na vida de uma criança com TEA em uma escola privada da Grande Florianópolis**, que tem como pesquisadora responsável Caroline Heil Mafra, estudante do curso de Pedagogia da UFSC em processo de Trabalho de Conclusão de Curso – com orientação da professora Maria Sylvia Cardoso Carneiro, da Universidade Federal de Santa Catarina. O presente trabalho tem por objetivo compreender o processo de transição da Educação Infantil para os Anos Iniciais na vida de uma criança com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista. Estou ciente de que minha participação consistirá em uma entrevista com a pesquisadora e que terá o áudio gravado em meio digital, compreendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa, e que os dados obtidos serão divulgados seguindo as diretrizes éticas da pesquisa, assegurando, assim, minha privacidade. Sei que posso retirar meu consentimento quando eu quiser, e que não receberei nenhum pagamento por essa participação.

Assinatura

São José, _____ Junho 2016.

carolhmafra@hotmail.com
(48) 9982-9829

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO UTILIZADO DURANTE A ENTREVISTA COM A CRIANÇA

- 1) **João do que você mais gosta na escola?**
- 2) **Do que você menos gosta na escola?**
- 3) **Você lembra como foi sua primeira vez na escola? Como foi?**
- 4) **Quando você entrou no colégio atual o que você aprendeu?**
- 5) **E agora no primeiro ano, o que você tem aprendido? O que tem sido difícil e o que tem sido fácil para você?**

APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO UTILIZADO DURANTE A ENTREVISTA COM A MÃE DA CRIANÇA

- 1) **João já tinha freqüentado outra escola antes do colégio atual?**
- 2) **Como foi a chegada do João no ambiente escolar?**
- 3) **Como foi o desenvolvimento do João na Educação Infantil? Houve progresso em algum aspecto?**
- 4) **Como foi a interação social do João na Educação Infantil com os colegas e as professoras?**
- 5) **Como você percebe o João nesta transição para os Anos Iniciais? Houve alguma conquista? Ou alguma dificuldade?**
- 6) **Como é a interação social do João com os colegas da turma atualmente?**
- 7) **Para você, no que a Educação Infantil contribuiu para o desenvolvimento do João?**

APÊNDICE E - QUESTIONÁRIO UTILIZADO DURANTE A ENTREVISTA COM OS PROFESSORES REGENTES

- 1) Como você descreveria seu aluno João (facilidades e dificuldades)?**
- 2) Você encontra dificuldade em integrar o João na turma?**
- 3) Teria alguma dificuldade que você gostaria de relatar?**
- 4) Como é a participação dele em trabalhos de grupo ou em dupla?**
- 5) Ele brinca com os colegas? Que tipo de brincadeira ele prefere e como é a interação com os colegas?**